

Chico Xavier

Revista Realidade

Novembro - 1971



*Texto de Hamilton Ribeiro
Revista Realidade - Editora Abril
Novembro de 1971*

Uberaba, sexta-feira, 7 da noite. Sessenta carros - de jipe a Mercedes - estão estacionados no quarteirão recém-asfaltado da Comunhão Espírita Cristã. As chapas variam de Monte Castelo a Guanabara, de Itumbiara, de São Paulo. O bairro é pobre, mal iluminado, cheio de crianças. Nesse bairro fica hoje o "Vaticano do Espiritismo".

Umam mil pessoas aguardam com ansiedade. Os que chegaram mais cedo conseguiram lugar no templo - um salão de 100 metros quadrados - e estão sentados ou em pé. Crianças irritadas, cansadas de viagem, resmungam ou choram. Quem não pôde entrar ajeita-se nos bancos do pátio onde à tarde, o ano todo, é servida uma sopa dos pobres: oitocentos pratos por dia. Há duas filas que se confundem: uma para receber passes; outra de gente que espera as receitas de Chico Xavier. Através de uma janelinha, um senhor atende a pedidos de livros e por aí se forma mais uma fila - a dos autógrafos. Dona Dalva Borges, presidente do centro, organiza a mesa: gente da diretoria, doutrinadores espíritas, convidados. Enquanto a sessão não começa, há no ambiente uma confusão de vozes, um burburinho. Pessoas trançam de um lado para outro. De repente, uma lufada de rosas corta o ar. Daí a pouco, outra vez a onda de perfume. Vem de um senhor que organiza as filas; ele usa esse perfume, e a lufada o acompanha de um lado para o outro.

– Por onde o ti Chico entra?

Em Uberaba e outras regiões, não se fala tio Zé, tio João. É ti Zé, ti João. É ti Chico.

– Ti Chico entra no templo pela portinha do fundo, lá junto da mesa. Continua chegando gente. A procura atrás de Chico Xavier quase dobrou, após sua entrevista no "Pinga-Fogo" - um verdadeiro show de televisão que elevou de 2% para 35% a audiência do programa (passou três vezes em São Paulo e percorreu todo o Brasil).

Sete e meia. Crianças continuam excitadas, o vozerio e o burburinho aumentam. Mas num instante as vozes se abafam e todos se movimentam às pressas em busca de um lugar entre as cadeiras. Ou de pé, ao longo do corredor; nas duas janelas que dão para o pátio; em cima dos bancos. Crianças são alçadas pelos pais para poderem ver. A portinha do fundo se abriu e por ela entrou ti Chico Xavier. Vozes sussurram:

– Graças a Deus!

Na cabeceira da mesa, ao lado de dona Dalva, a figura tranquila, sorridente, mansa, de Francisco Cândido Xavier, 61 anos, um rosto muito fino para o resto do corpo – principalmente da cintura para baixo –, os óculos escuros para esconder um olho congestionado. Paletó igual à calça, uma camisa esporte cor-de-rosa. Uma peruca de alguns fios brancos na massa preta de cabelos. Os que estão mais perto o cumprimentam. Se lhe beijam a mão, ele beija a mão em troca. Se lhe beijam o rosto, ele retribui. Se é um amigo, os beijos são duplos, um em cada face - do jeito que as mulheres fazem (mas sem o terceiro, o "para casar"). Sorri muito e faz com que todos sorriam. Vai enchendo desordenadamente os bolsos do paletó com envelopes, bilhetes, cartões, um endereço anotado na hora. A presidente faz um sinal e o ambiente se cerca do maior silêncio - a sessão vai começar.

De maneira um pouco solene, dona Dalva Borges - quarenta e poucos anos, solteira - faz a oração inicial. Tem os olhos fechados e todos, na mesa, fecham os seus. Pede a proteção "dos seres da Vida Maior" para que o serviço da noite seja o

mais puro e o mais proveitoso. Uma pessoa da mesa começa a ler o Evangelho Segundo o Espiritismo.

Chico mora numa casa tão protegida como, uma fortaleza.
E gosta de rir. Eis um homem com presença de espírito!

Chico está com a mão sobre os olhos. Mal ouve o fim da leitura, levanta-se. Recebe um pacote de folhas de papel e se encaminha para a porta por onde entrou. Ali, numa salinha, ajudado por dois assistentes – o sr. Weaker e sua mulher, dona Isildinha –, vai receber orientação dos espíritos para psicografar receitas e conselhos.

Esse é um dos prodígios de Chico Xavier. Nos pedidos, só vão o nome, a idade e o endereço – nenhuma indicação quanto à doença ou ao problema. Sem ter visto a pessoa, o médium, em sua salinha, num papel colado junto daquele em que está o nome do consulente, indica os remédios e as palavras que devem aliviar um problema físico ou uma situação de angústia.

Entre os seiscentos pedidos de hoje, dois são meus. Um, de uma amiga de São Paulo, que sofre há mais de ano com uma alergia muito incômoda. Outro não é de nenhuma amiga. Fico aguardando a resposta com muita curiosidade, e até com certo temor. O que dirão os espíritos, pela via mediúnica de Chico Xavier, a esses dois casos tão diferentes entre si?

Em outra salinha escura, um passista ministra água fluidificada e faz imposição de mãos nas pessoas que entraram na fila de passes. Na mesa, a doutrinação continua – leitura e interpretação de textos espíritas. Metade do pessoal já deixou o templo e está outra vez no pátio. Sentam-se nos bancos da sopa, conversando, fumando, de olho num café que pode sair da cozinha. Enquanto Chico não volta, o burburinho recomeça. E de nada adiantam os esforços do homem do perfume, que circula com uma tabuleta pedindo "silêncio e recato".

Um armazém para guardar o que ganha

Muito preocupado com a tendência para engordar – ele já beirou os 100 quilos – e um pouco assustado com sua taxa de colesterol, Chico habituou-se a comer uma só vez por dia.

Quando precisa jantar, não almoça. Mas hoje almoçou e, por bondade sua, convidou-nos para almoçar com ele. Ele tem certa prevenção contra a imprensa não-espírita, ainda que receba com delicadeza todos os jornalistas que o procuram. Os amigos mais chegados dizem que ele se cuida assim porque já sofreu muito na mão de repórteres sensacionalistas. Certa vez – eles contam –, dois repórteres invadiram a sua casa e, sob ameaças, obrigaram-no a posar em situações ridículas no banheiro e isso causou-lhe grande dor.

Chico mora numa casinha simples. Entra-se pela rua – através de uma porta de aço constantemente fechada – ou pelo Centro. Uma casa muito bem protegida. De um lado, as paredes do Abrigo das Velhinhas; de outro, as paredes do Centro. O que resta é protegido por um muro mais alto que o normal. Sem um contato anterior, ou sem que se convença seu secretário - o sr. Weaker - para que ele anuncie uma presença, é inútil bater nos portões de aço. Ninguém os abrirá. Isso seria contrário ao estabelecido por ti Chico, e o que ti Chico estabelece é sempre bem cumprido.

A casa tem cozinha, sala, banheiro e dois quartos. Num, com duas camas de solteiro, dorme o ti Chico. No outro quando não há visitas - dorme um sobrinho que veio de Pedro Leopoldo para estudar. Sob a cama do ti Chico, um urinol - hábito antigo no interior de Minas. Nas paredes, um ou outro quadro, dos muitos que ele ganha de presente e que - como tudo o que ganha - ficarão com ele pouco tempo, o tempo necessário - às vezes minutos para que encontre alguém a quem dar.

– Se o Chico fosse ficar com tudo o que ganha de presente – diz Rolando Ramaciotti, um amigo chegado –, precisaria de um armazém.

A sala, que serve de escritório, é o ambiente típico do intelectual desorganizado. Mesa, máquina de escrever, papéis em desordem, vidros de remédios, revistas estrangeiras, livros, jornais, uma infinidade de cartas, papezinhos com endereços, cartões, lápis. Numa estante-arquivo, Chico guarda documentos e papéis que, um dia, sabe que vai precisar. Quando esse dia chega, ele procura – e não acha. (Aconteceu isso hoje, quando ele queria mostrar umas fotos de materialização.)

Na parede um gravador de alta precisão, com a capacidade para distribuir som durante três horas. Chico trabalha ouvindo música, e sua paixão pelo bom som é antiga. Além do gravador, tem uma vitrola e uma coleção variada de discos – de Ray Coniff a Mendelssohn, de Beethoven a Nelson Gonçalves.

Somos dez pessoas para o almoço e, enquanto ele não vem, Chico conversa.

– Na última vez que estive nos EUA, duas senhoras muito amigas discutiam entre si: "O nosso Chico é branco ou preto?" Aí chegaram num acordo: "Ele é pink!" (Côr-de-rosa.)

O caso dos espíritos armados de revólver

Chico sabe contar seus casos, é amável para ouvir, e sobretudo diz suas coisas com bastante humor. Ri muito quando alguém comenta que, se Millôr Fernandes fosse defini-lo, diria assim:

– Chico “Xavier, eis um homem com presença de espírito!”

Ele está sem paletó e seu gesto mais

Quase tudo o que ganha,
Chico destina aos serviços

espíritas de caridade.
Vive básicamente com sua
aposentadoria de Cr\$ 380,00
mensais. De seu, só tem um
apartamento na av. Osvaldo
Cruz, no Rio, que preserva
para o caso de ficar inválido.

[pg.59]

constante é enfiar as mãos pelas mangas opostas da camisa e ficar acariciando os músculos do braço, ombro e o começo das costas. Os braços gordos, roliços, peludos se movimentam em gestos suaves. Os dedos são curtos; e o polegar, gordo, curvado e com a unha aparadinha, é o polegar mais indicado que eu já vi para ser exposto diante dos alunos de belas-artes em lição de desenho. Quem desenhar o polegar mais certinho, desenhou o polegar de Chico Xavier.

Caso sobre caso, risada sobre risada, Chico confirma um episódio de que eu tinha notícia. (A interpretação desse episódio, conforme seja feita por um espírita ou por um psiquiatra, principalmente tendo em vista seu eletroencefalograma, dá uma medida do "fenômeno Chico Xavier".)

O caso se deu numa fazenda do Ministério da Agricultura, em Pedro Leopoldo, onde ele era escriturário. Chico estava numa sala, com mais um colega, escrevendo normalmente, quando seu companheiro percebeu nele um rito de dor, contrações, palidez e desfalecimento. Correu em seu auxílio, chamou gente, logo, foi providenciando um médico.

– Eu estava trabalhando, quando vi entrarem dois espíritos perturbados, que já vinham há vários dias me fazendo ameaças. Um deles estava armado de revólver e, depois de me dirigir vários desaforos, disse que ia me matar. Dito e feito: apertou o gatilho e a bala atingiu meu ombro, mas só de raspão, porque eu ainda tive tempo de desviar o corpo. Meu companheiro não viu nem ouviu nada, mas tanto o tiro foi real, que eu fiquei oito dias com o ombro dolorido.

Chico não deixa passar um caso desses sem um salzinho de humor:

– Você falou que veio um médico? Que médico, Zé Hamilton!... Chamaram foi um veterinário mesmo...

(Um psiquiatra, o dr. Alberto Lyra, interpretando esse episódio:

– Tendo em vista que seu eletroencefalograma revela um foco temporal, classicamente responsável por distúrbios sensoriais, com ocorrência de alucinações, vozes, visões, etc., podemos estar diante de um ataque epilético. Por outro processo psicológico, uma pessoa, contando repetidas vezes um episódio e obtendo para ele o consenso de seu meio, acaba acreditando que ele é de fato verdadeiro, e nunca mais duvidará de que assim não seja.)

(Um espiritualista, o mesmo dr. Alberto Lyra, ex-presidente do Instituto Paulista de Parapsicologia e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Teosofia, analisando o mesmo episódio:

– O patológico não exclui, nem deforma, o fenômeno paranormal, ou sobrenatural. Eu acredito na existência dos espíritos, e pode muito bem tudo ter-se passado conforme o relato de Chico Xavier.)

Na psicografia, tanto

de mensagens quanto de receita, Chico tem a ajuda de dona Isildinha (na foto, sentada) e seu Marido, seu Weaker. O casal vivia em Goiás e tinha uma mercearia. Foi uma vez a Uberaba atrás de uma receita para dona Isildinha e nunca mais saiu. Seu Weaker vendeu o que tinha e hoje os dois vivem só para Chico,

Estamos há mais de duas horas conversando, quando Benedito, o cozinheiro, vem dizer que a mesa está posta.

O almoço é na cozinha e Chico se porta como autêntica dona de casa. Determina os lugares na mesa, explica os pratos e serve os convidados, um a um. Segundo amigos íntimos, Chico é ótimo cozinheiro, especialmente elogiado quando faz doces e gelatinas. A mesa é farta, mas sem requinte. Uma jovem senhora de Belo Horizonte pede clemência, diante da quantidade de macarrão e frango que recebeu:

- Mas Chico, eu estou de regime!

Ninguém no Brasil, nem mesmo Jorge Amado, vende mais livros do que ele.
Direitos autorais: \$ 20 mil por mês.

– Emmanuel me disse que hoje você pode variar...

Com toda a sua delicadeza e finura, Chico vai deixando claro – enquanto comemos a sobremesa – que tem coisas a fazer, nossa hora terminou. Antes das despedidas, mostra o jardimzinho ao lado da casa, conta a história de dois troncos de peroba que ficam na entrada – Um é o Dever, o outro a Disciplina – e brinca com um gatinho.

Nove horas da noite na Comunhão Espírita. Há um rebuliço de gente, forma-se uma aglomeração junto à cozinha e vem o anúncio:

– Primeira remessa das receitas!

Chico está ainda na salinha, psicografando sobre cada uma das seiscentas consultas, e, à medida que termina uma porção delas, o sr. Weaker - que já virou seu "Ica" - sai e as entrega a uma voluntária. No pátio, em meio do nervosismo e frases de admiração, as receitas vão sendo entregues. Fico atento mas nenhum dos dois nomes que encaminhei é chamado.

Peço para ver uma ou outra das receitas: a mesma letra larga e corrida da psicografia de Chico Xavier. Em algumas, apenas uma exortação moral, palavras doutrinárias de fé e esperança. Noutras, uma receita inteira, com nome dos remédios e a forma de tomá-los. Os remédios, só homeopatia – e de "quinta dinamização", isto é, de tal maneira suavizados, que estão livres de qualquer contra-indicação. Mesmo que um doente troque de receita com outro, nenhum dos dois sofrerá nada. O efeito do remédio fica na dependência da força de consentimento – a fé – que cada um dispensa ao tomá-lo. E, já que a fé remove montanhas e que cerca de 70% das doenças têm forte componente psíquico, é fato aceito que as prescrições de ti Chico "têm feito milagres". No entanto, apesar de ser de longe o mais importante médium brasileiro – o "médium-padrão" –, Chico sempre conseguiu evitar a fama de milagreiro: [pg 60]

– Minha tarefa é cura – diz ele.

Hoje, no almoço, perguntei-lhe como veria sua candidatura à Academia Brasileira de Letras:

– Que é isso, meu amigo? Alguém já ouviu dizer que na Academia entram cavalos?...

Com segura obstinação, Chico Xavier sustenta que não é autor de nenhum dos seus 111 livros. É apenas o "cavalo"; o "cavaleiro" não se deixa ver. O sr. Stig Ibsen, chefe do Departamento de Livro Espírita da Edigraf, fez um cálculo da venda dos livros de Chico Xavier: perto de 300000 exemplares, ou cerca de 2,1 milhões de cruzeiros por ano. Se recebesse os direitos de autor correspondentes a esse total, Chico teria uma renda entre 17 000 e 20 000 cruzeiros por mês - sem contar sua parte nas traduções para o exterior (perto de 700 000 volumes).

Sob vários ângulos, ele é o maior escritor nacional: 1.º) é o único que esgota uma edição quando o livro nem está impresso – seu livro "Mais Luz" vendeu os primeiros 10 000 exemplares em noventa dias, sob prévia encomenda; 2.º) é o único, dentre os escritores vivos, com mais de cem obras publicadas; 3.º) em número de edições

e de obras publicadas (cerca de 3 milhões, até este mês), só tem um competidor no Brasil, em toda a história: Jorge Amado. Vende o dobro de livros do que Érico Veríssimo, quase o dobro de José Mauro de Vasconcelos e pelo menos dez vezes mais que o maior de nossos poetas, Carlos Drummond de Andrade; 4.º) é o único, dentre os autores de sucesso, cujo acervo compreende os mais variados gêneros, da reportagem à poesia, de crônicas a obras infantis, de contos a romances históricos.

Mas os livros de Chico Xavier, por serem de autores tão incomuns, esbarram em problemas que um editor normal dificilmente aceitaria. Pelo *espírito* de Bатуíra foi ditado, recentemente, um livro de mensagens: "Bênção de Paz". Chico deu os direitos de publicação ao Nosso Lar, um abrigo de crianças em São Bernardo do Campo, SP. Foi logo encomendada a um artista plástico – Laerte Agnelli – uma bela capa para o livro. O desenho – rostos desesperados, em luta com seus conflitos, à espera das bênçãos de paz – ficou pronto e a gráfica pôs-se a montar o livro. Nesse espaço de tempo, porém, Chico Xavier mostra a capa ao *autor*, e este a renega:

– Nada disso! Obra minha precisa ser apresentada com otimismo e não com expressões perturbadas e sofredoras.

O espírito falou, está falado. Uma segunda capa foi pedida – otimista! –, mas nem tudo se perde. Com a "capa proibida" foram feitos cinquenta exemplares, que agora estão à venda a 1 000 cruzeiros cada, como raridade.

Diz a lei: Chico é o autor dos livros

Mas de quem são, afinal, os direitos da obra de Chico Xavier? Seus, êle diz que não são. Dos espíritos também não – isso a Justiça decidiu, num curioso processo, em 1944. Depois de psicografar textos de poetas e prosadores brasileiros do passado mais longínquo, Chico começou a lançar, em série, volumes de contos, crônicas e reportagens ditados pelo espírito de Humberto de Campos. De todos os autores identificados que *recebe*, Humberto é o que mais produz. A coisa chegou a tal ponto, que a viúva de Humberto de Campos foi à Justiça para colocar duas questões básicas: a) ou esses livros são mesmo do meu marido e assim nós, a sua família, temos direito à porcentagem legal de autor nas suas vendas; b) ou se trata de uso abusivo do nome do escritor, e isso deve ser proibido.

A contenda movimentou os meios jornalísticos e literários do país, provocou uma fundamentada defesa dos ideais espíritas e da psicografia, mas, do ponto de vista técnico, foi resolvida com muita facilidade pelos juizes: a) por regra, a Justiça declara direitos e não fatos - pedia-se que a Justiça declarasse um fato: se era, ou não, do espírito de Humberto, a autoria dos livros; b) há certos tipos de prova que a Justiça não aceita nos processos (e uma das provas pedidas era que se fizesse uma sessão de psicografia no tribunal); c) finalmente, os direitos e deveres de um cidadão começam com o nascimento e terminam com a morte; logo, não há como acionar a Justiça para proteger direitos criados depois da morte de uma pessoa.

O pedido da família Campos foi negado. Para todos os efeitos legais, o autor dos livros – e, logo, portador de seus direitos – é Francisco Cândido Xavier. Direitos que ele transfere a cada obra, para várias instituições espíritas. Mas a movimentação judicial teve um resulta- [pg 61] do prático: desde então, o nome de Humberto de Campos não aparece mais nos livros ditados por seu espírito. Vem apenas assinado Irmão X.

Nesses seus 45 anos de psicografia, Chico tem produzido, em média, três livros por ano. Recebe comunicações de mais de quinhentos autores espirituais, a maioria poetas. De mais de duzentos desses autores, segundo seus admiradores, o estilo é identificável. Com tudo isso, Chico Xavier e suas obras são eternos ausentes dos suplementos e das crônicas literárias. Seu trabalho é considerado marginal. E a qualidade do que produz é muito atacada. Como diz o crítico literário Leo Gilson Ribeiro:

– Uma coisa é clara: à medida que o espírito sobe, sua qualidade desce. É inconcebível que grandes criadores de nossa língua, depois da morte, fiquem por aí gargarejando o tatibitate do espiritismo...

Aos sete anos, a mãe (morta) aparecia e falava com ele

Pedro Leopoldo é uma cidade pequena, mas já com a sua Faculdade de Filosofia – a 35 quilômetros de Belo Horizonte. Foi lá que surgiu, e ganhou todas as proporções, o "fenômeno Chico Xavier". Ele nasceu em 1910, de família pobre. Seu pai, vendedor de bilhetes de loteria, teve em dois casamentos quinze filhos. Morreu algum tempo atrás, com 89 anos. Lidando a vida toda com a sorte grande, sem nunca tê-la alcançado, o velho João Cândido disse a Chico, quando estava já bem doente:

– Meu filho, depois que eu morrer, vou parar a roda da fortuna para você. Todo Natal você compra um bilhete. O seu dia chegará.

Desde então, Chico Xavier compra religiosamente o bilhete de Natal.

– Você vê, faz dez anos que papai se foi e até agora, nada! Será que ele anda sem prestígio lá no alto?

Aos cinco anos, Chico perdeu a mãe, e o pai, desorientado, distribuiu os filhos entre famílias amigas. Chico foi entregue à sua madrinha, mulher rude e de coração duro. *Obsediada*, segundo os espíritos; doente mental? Segundo várias referências, espancava-o brutalmente, chegando ao ponto de espetar-lhe um garfo na barriga, o que provocou uma chaga que se manteve aberta por muito tempo.

– Por causa da ferida, eu só podia usar roupa de menina. Uma camisola comprida, que a gente chamava mandrião, feita com tecido de saco de farinha pintado de azul. Brincaram uma vez comigo dizendo que, por isso, eu fui o precursor da "linha saco"...

A razão de Chico apanhar, segundo a madrinha, é que ele tinha "parte com o diabo". O menino dizia que sua mãe lhe aparecia e falava com ele aconselhando-o a não se revoltar com a madrinha.

– Além de louco, cínico – dizia a mulher.

E mais pancadas. Quando tinha sete anos, seu pai casou pela segunda vez e, então, os irmãos se reuniram outra vez e os sofrimentos acabaram. Mas Chico continuou a ter visões e a *falar sozinho*. Levado ao padre da cidade – "um senhor muito bondoso" –, recebia conselhos e penitências, como seguir a procissão com uma pedra de 15 quilos na cabeça.

– Uma vez eu tinha de rezar mil ave-marias. Ia rezando e contando. Quando chegava em mais de 950, vinha um espírito brincalhão e me fazia errar a conta. Eu tinha de começar tudo outra vez...

Com oito para nove anos, Chico vai para a escola primária. Entrando já grandinho no primeiro ano, alfabetiza-se com rapidez e logo começa a destacar-se nas composições, pela riqueza de sua imaginação e pela facilidade de escrever. No quarto ano, recebe menção honrosa num concurso sobre o Centenário da Independência do Brasil, de que participaram todas os escolares do Estado de Minas. Quando alguém se impressionava com sua facilidade para escrever, êle dizia:

– Toda vez que vou fazer uma composição, vem alguém do meu lado ajudar. Chico repetiu o quarto ano porque, no fim de 1922, ficou doente e não pôde ir à escola. Seu primário, assim, demorou cinco anos. E praticamente, nesses anos todos, teve assistência de uma professora - dona Rosália Laranjeira - que acreditava de tal maneira na sua potencialidade intelectual, que propôs levá-lo para Belo Horizonte e custear-lhe a continuação dos estudos. O pai não consentiu porque nessa altura Chico já contribuía para as despesas da casa. Seu primeiro emprego foi numa fábrica de tecidos, depois num bar – como ajudante de cozinheiro – e num armazém.

Quando tinha dezessete anos, o espiritismo entrou em sua vida. Uma de suas irmãs, Maria Xavier Pena, foi tomada por acessos de loucura e a família, após algumas tentativas com médicos, encaminhou-a para "tratamento espiritual". Um casal de espíritas foi chamado para os "trabalhos de desobsessão", e Chico, acompanhando as sessões, foi logo *descoberto* como médium.

Recebeu de presente a literatura básica do espiritismo – O Novo Testamento e as obras de Alan Kardec, que conhece profundamente e lê até hoje, pelo menos meia hora por dia. E, com a *cura* da irmã, entregou-se à sua *fareja espiritual*.

Apesar da vida apertada – todo o salário era entregue em casa para ajudar nas despesas –, Chico não deixou de exercitar seu talento revelado no grupo escolar. Após fundar, com o irmão José Cândido e outros amigos, o Centro Espírita Luís Gonzaga, iniciou contatos com a elite espírita do Brasil. Passou a corresponder-se principalmente com gente da Federação Espírita Brasileira. Mandava crônicas e poesias, pedindo para que fossem publicadas nos jornais e nas revistas do Rio,

espíritas ou não. Alguns de seus trabalhos foram publicados no "Jornal das Moças", no suplemento literário de "O Jornal", na "Gazeta de Notícias", e até num jornal português. Assinava-se F. Xavier e era o "poeta espírita que desabrocha em Pedro Leopoldo" – segundo o definiu Pereira Guedes, um dos divulgadores espíritas a quem Chico se dirigia. Ninguém falava ainda em psicografia. Eis um trecho de um soneto de 1929:

Renascer

***Renascer... eis a vida, o progresso incessante,
O eterno evoluir, eis a lei do Criador!
Eis do Mestre Jesus como luz rutilante,
O ensino imortal no Evangelho de Amor.***

***Renascer... eis a lei, imutável, constante,
Pela qual nosso "eu" no cadinho da dor,
Em sublime ascensão pela luz deslumbrante,
Subirá para Deus, nosso Pai e Senhor. [pg 62]***

***Renascer... eis a luz, eis as, almas reunidas.
No contínuo evoluir, nessas múltiplas vidas,
Que o Senhor nos concede - amoroso perdão!***

***Renascer... eis, o Sol sempre claro e bendito,
Dessa aurora a raiar na amplidão do infinito,
Apontando a brilhar, essa luz - Perfeição.***

F. Xavier

Escrevendo sob o próprio nome, Chico era – apenas – mais um escritor espírita do Brasil. Mas em 1932 há uma explosão. Chico passa a ser não mais o "jovem poeta F. Xavier", mas o psicógrafo Chico Xavier. Tudo o que faz, daí em diante, não é mais de sua criação – são os espíritos que ditam. Seu primeiro livro psicografado – "Parnaso do Além Túmulo" – alcança sucesso retumbante. Consagra-o. Nele, Chico transmite textos de grandes poetas do passado - Castro Alves, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueiro – nos seus próprios estilos. No mundo espírita, o livro é sensação absoluta; no meio jornalístico, é um tema para farta exploração. Tudo o que produz – sonetos, mensagens, entrevistas, crônicas – é disputado avidamente para publicação. Num estalo, Chico fica famoso e Pedro Leopoldo transforma-se no principal centro doutrinário do espiritismo no Brasil.

O escândalo e uma saída às pressas

Famoso e solicitado, Chico continua o mesmo homem simples – quase simplório – e bom. A madrasta morre e ele assume a responsabilidade pela criação dos seus seis meio-irmãos. O pai fica numa casa com os filhos do primeiro casamento; Chico fica em outra casa, com os últimos. Arranja um emprego melhor – agora é

escriturário de uma fazenda experimental do Ministério da Agricultura, cujo diretor, Romulo Joviano, é também o presidente do Centro Espírita Luís Gonzaga.

A vida corre bem em Pedro Leopoldo até que um escândalo faz uma revolução em sua vida. É o ano de 1958. Chico já tem 61 livros publicados; sua reputação na cidade, como no país, é amplamente reconhecida. Mas não é suficiente para dar-lhe segurança de continuar junto da família, após o escândalo.

Maria Xavier, a irmã de Chico que indiretamente o levou para o espiritismo, mora agora em Sabará e tem um filho – Amauri Xavier Pena. Como o tio, Amauri é médium; como o tio, é psicógrafo. Como o tio, recebe textos ditados por grandes poetas mortos: Camões manda por ele um novo "Lusíadas". Mas um belo dia Amauri procura os jornais e, dizendo-se um mistificador amargurado por graves problemas de consciência, declara:

– Tudo o que tenho psicografado até hoje, apesar dos diferentes estilos, foi criado por mim próprio, sem nenhuma interferência de almas do outro mundo. Assim como meu tio, tenho muita facilidade de fazer versos e imitar estilos, coisa que em mim, tanto quanto nele, foi notada muito cedo. Meu tio é inteligente, lê muito e, com espírito ou sem espírito, continuará escrevendo seus livros.

O caso tem enorme repercussão. Chico evita polemizar com o sobrinho, aceita um convite para morar em Uberaba e abandona Pedro Leopoldo. Sai apenas com a roupa do corpo. A casinha onde morava, nos fundos da residência da família, está até hoje, doze anos depois, da forma como êle deixou. Um cabide do lado de fora do guarda-roupa pendura um terno de linho branco – agora já côr-de-rosa – que ele devia usar no dia seguinte. Na sala, a vitrola, os discos, um retrato a óleo de Emmanuel. No quarto de trabalho, uma mesinha tosca, quatro cadeiras, um velho baú cheio de papéis e uns quatrocentos volumes de sua biblioteca – livros de história, uma coleção de "Seleções", almanaques "Bertrand" e "do Porto";

500 espíritos falam
com ele. Um se
anuncia com
perfume e as pessoas
o cumprimentam:
tudo bem, Sheila?!

"A Divina. Comédia", antologias, o "Lello Universal", divulgação científica e, sobretudo, livros de espiritismo.

– A gente não desfez a casa – diz dona Luísa Xavier, sua irmã mais velha e uma sua segunda mãe – para ter a sensação de que a qualquer momento o Chico vai voltar.

A denúncia do sobrinho foi escandalosa, mas seus efeitos não duram muito. Abrigado num barracão em Uberaba, Chico participa da criação – em cima de uma cisterna – da Comunhão Espírita Cristã, e já no primeiro dia de reuniões recebe mais de trezentas pessoas. Do barracão, passa a uma construção modesta e dela, para o belo edifício que deverá ocupar todo um quarteirão. Uma das alas – onde funcionam o abrigo e o Departamento Editorial – já está pronta. A ida de Chico para Uberaba muda para lá a meca do espiritismo.

– Quanto ao meu sobrinho, era um perturbado. Bebia muito, não trabalhava direito, acabou louco. E morreu há alguns anos. Ele fez aquilo, ao que parece, pela sedução do dinheiro. Que o Altíssimo o perdoe.

Onze horas da noite na Comunhão Espírita de Uberaba. Seu Weaker abre a porta da salinha onde está Chico e libera a segunda remessa de receitas psicografadas. Há o burburinho geral e todos se dirigem para o pátio, aguardando a chamada. Um dos primeiros nomes anunciados é um dos meus, aquele que encaminhei a pedido de uma amiga que sofre de alergia. Corro ansioso para ver que tipo de remédio os espíritos recomendam para coceira, e me, decepção um pouco. Não é uma receita, são apenas conselhos – o que se chama de "orientação espiritual". A mensagem lá está, na letra corrida e larga da psicografia: "Dentro de todos os recursos ao nosso alcance, buscaremos cooperar espiritualmente em seu favor. Confiemos na bênção de Jesus".

A sessão agora se encaminha para o ponto culminante, quando Chico psicografa, na frente de todos, alguma mensagem importante. A terceira remessa das receitas – na qual estará o meu segundo pedido – sai da salinha junto com ele E, desse momento até o fim dos trabalhos – às 3h45 da manhã –, ele fica à disposição das duzentas, trezentas, quatrocentas pessoas que não vão embora antes de cumprimentá-lo, de tocá-lo, de ouvir dele uma palavrinha, de sentir o seu sorriso. A todos atende com uma paciência que parece não ter limite. Mas sem permitir que isso subverta o que estabeleceu como seu programa de trabalho. Chico trabalha com muita disciplina. Às segundas, sextas e sábados participa de reuniões públicas. Receita, psicografa, autografa, atende gente, numa atividade que vai das 7 da noite até alta madrugada. Aos sábados não receita; faz visitas a casas de pessoas espí- [pg.65] ritas nas imediações do Centro – é a peregrinação, finda a qual psicografa uma poesia. Às quartas-feiras faz trabalhos de *desobsessão*, em reunião privada.

Fora do programa do centro, o ritmo de Chico não cai. À noite, em casa, recebe os textos dos livros. Psicografa-os (em manuscrito) e com isso trabalha toda noite, no mínimo até as 2 da madrugada. Às 7 está de pé e, durante a manhã, revisa e datilografa – sempre com a assistência do espírito-autor da obra – o material recebido à noite. Dedicar as tardes à correspondência e às coisas deste mundo – como aprimorar o seu inglês com vistas a uma viagem de três meses que fará à Inglaterra no ano que vem. Dorme pouco e, independentemente da hora em que vai deitar, está de pé às 6h30. E é capaz de varar a noite trabalhando sem prejudicar, no outro dia, a sua rotina.

Herculano Pires, escritor e professor de filosofia, diz que Chico é um ser *interexistente*, isto é, ouve, vê e sente da mesma maneira os vivos e os mortos que o rodeiam. Se isso é verdade, está um pouco acima da nossa capacidade de observação, mas, que Chico Xavier vive num mundo encantado, isso é inegável. Algumas das "entidades espirituais" que o cercam são até mesmo notadas por estranhos. É o caso de Sheila, um espírito feminino que, toda vez que se manifesta em ti Chico, faz-se anunciar por uma lufada de perfume de rosas. Todos em volta sentem o perfume e algumas de suas companheiras da Comunhão Espírita, sabendo de quem se trata, até já cumprimentam.

– Como vai, Sheila, tudo bem?

O número de espíritos que mantêm contato com Chico Xavier é incontável. Só entre os que ditam livros já estão catalogados mais de quinhentos. Mas três deles ficam permanentemente junto ao psicógrafo, compondo o seu "Conselho Diretor": Bezerra de Menezes, o ex-médico brasileiro, que lhe dita as receitas e transmite, eventualmente, mensagens doutrinárias; André Luís, que afirmam tratar-se do espírito de Osvaldo Cruz, responsável pelos livros sobre a vida no além ou por mensagens *científicas*, e Emmanuel, o pai espiritual de Chico. Emmanuel o *assiste* desde 1931; é autor de romances históricos, responsável pela educação e o aprimoramento cultural de Chico, e grande doutrinador espírita. Atribuem-se a Emmanuel, claramente, duas reencarnações; no tempo de Cristo, era um senador romano – Pubius Sentilus; nos primeiros tempos do Brasil, teria sido o padre Manuel da Nóbrega.

Por *decisão* de Emmanuel, Chico não participa mais de sessões de materialização de espírito. É o campo mais sensacional, mas também o mais perigoso, do espiritismo. Segundo a doutrina, o fenômeno ocorre quando um médium, em estado de transe, libera uma porção de energia vital (o ectoplasma) que é usada pelo espírito para materializar-se. Nos termos da lei da relatividade de Einstein, a operação – transformar energia em matéria – é teoricamente pos-

Psicografando,
Chico é mesmo um
Fenômeno
(ou um show):
O braço parece
Movido a pilha

sível. Só que a energia necessária para materializar uma pessoa de 70 quilos seria alguma coisa de espantoso. O professor Carlos Chohfi, do Departamento de Física da Universidade Mackenzie, fez esse cálculo para nós. A fórmula é esta: $E = mc^2$, ou Energia (E) é igual a massa (m) vezes a velocidade da luz ao quadrado (c^2).

Assim, a energia será igual à massa (70 quilos) vezes a velocidade da luz (300 000 quilômetros por segundo) ao quadrado. Feitas as contas, a energia necessária para materializar um homem seria de $1,75 \times 10^{12}$ kWh; ou o equivalente, numa hidrelétrica como a de Jupia, ao trabalho de 293 anos, dia e noite, sem parar. Transformada em calor, essa energia seria suficiente para derreter o minério existente na serra dos Carajás, que é a maior jazida de ferro do mundo.

Em Pedro Leopoldo, e depois em Uberaba, Chico sempre participou de sessões de materialização. Dizem os espíritas que os fenômenos, na sua presença, eram fabulosos. Mas alguns anos atrás, tendo frequentado sessões ao lado da médium Otília, foi imparcialmente envolvido num escândalo: descobriu-se que a mulher – uma psicótica – fraudava as "aparições". Desde esse dia, Chico levou mais a sério a decisão de Emmanuel:

– Não quero que sua mediunidade seja desviada para outros fins. Sua tarefa é o livro espírita, e já é muito.

Independentemente das *decisões* de seus amigos espirituais, Chico é um mineiro muito cuidadoso e muito hábil no uso das palavras. Conta que sua mãe ensinou-lhe uma vez a "água da paz". Toda vez que pretende falar mal de alguém, põe um gole de água na boca e não o engole enquanto a raiva não passa: "Meu amigo, se desejas paz crescente e guerra pouca, ajuda sem reclamar e prenda a água na boca".

– Chico, quais seus escritores preferidos?

– Admiro todos os escritores corajosos para esquecerem as conveniências pessoais, procurando escrever em auxílio real de seus leitores.

– Diga o nome dos políticos em quem confia.

– Estou convencido de que todos os políticos, sejam eles quais forem, merecem o nosso respeito e a nossa cooperação para serem para nós aquilo que nós esperamos deles.

– Cite artistas de que gosta.

– Respeito todos os artistas que auxiliam o povo a pensar e a agir para o bem comum.

Há seis livros escritos sobre a vida de Chico Xavier. Um dos autores o prefeito de Guaratinguetá – diz que a sua biografia de Chico terá cinco volumes. De todos os seus biógrafos, Chico prefere – "porque se atém aos fatos e não me elogia muito" – o dr. Elias Barbosa, professor da Faculdade de Medicina de Uberaba. Num dos livros do dr. Barbosa está esta história, que a gente fica sem saber se é elevada demais, ou se é mineira demais:

Chico recebe certa manhã, em sua casa, um amigo espírita de São Paulo. Em dado momento, após a oração, "as mãos do médium", orientadas por amigos espirituais, procuram um lápis com ponta nova, para escrever. O modo de segurar o lápis era diferente, qual se fosse tomado por uma criança de sete anos. As frases

começaram a ser grafadas: "Meu filho. Deus guarde os nossos corações..." Finda a mensagem, o amigo ficou emocionado: era sua mãe escrevendo. Aí êle se lembrou:

– Quando mamãe partiu, Chico, ela era analfabeta...

– Realmente, ela me disse - retruca o médium. – Mas me disse também que está fazendo agora um curso de alfabetização no plano espiritual.

Uberaba, sexta-feira à meia-noite. Com [pg. 67] o ar tranquilo de quem não tivesse feito nada – e acaba de psicografar quase seiscentas receitas –, Chico sai da salinha e toma o seu lugar na mesa de trabalho. Os doutrinadores – que desde as 7 e meia estão comentando o Livro dos Espíritos e o Evangelho Segundo Kardec – respiram aliviados. Seu "Ica" entrega a última remessa das receitas a uma voluntária, que vai providenciar, no pátio, a sua distribuição. Peço a um amigo que apanhe a minha, e tomo posição para assistir a esse que é realmente um fenômeno de Chico Xavier. Ou um show: o ato de psicografar.

Dona Isildinha funciona como secretária. Oito lápis estão no jeito, apontadinhos, e um pacote de papel-jornal é posto embaixo da sua mão direita. Com a mão esquerda, Chico cobre os olhos.

O espírito de sua
Mãe está aqui,
querendo abraçá-lo.
como é possível,
se minha mãe
está viça?

Fica alguns segundos em concentração, e zás: disparou.

O lápis corre com velocidade e as palavras vão aparecendo sem um segundo de hesitação. Às vezes, estando aqui embaixo na lauda, volta o lápis para cortar um "t" lá em cima ou botar um ponto de interrogação. Parece que êle está vendo!

Lápis e laudas se consomem com avidez. No ar, um silêncio respeitoso; a voz do comentador do Evangelho sai baixinha e nítida na acústica perfeita dos 150 corpos humanos quase anestesiados pela sagração do ambiente.

O rosto de Chico é tranquilo e imóvel. Além do braço direito – que parece movido a pilha –, nele só mexe, num ritmo lento e igual, o maxilar. É como se êle estivesse remoendo devagarinho um pedaço de papel.

Um grupo de médicos espíritas está fazendo um levantamento completo de Chico Xavier. Exames de todo tipo vêm sendo feitos, ordenadamente, para um relatório final. O eletroencefalograma registrou, enquanto êle psicografa, essa sua mastigação. Chico submete-se aos exames com muito gosto. Êle respeita muito a

ciência tradicional. Sua doença na vista esquerda, – um deslocamento do cristalino, que o obriga a usar colírio constantemente, mas sem nenhum efeito na outra vista, que é normal – foi sempre cuidada por oftalmologistas. Há dois anos, quando Arigó estava no auge, foram diagnosticados em Chico um tumor na próstata e uma hérnia de peritônio. A cirurgia era necessária e êle a ela, submeteu-se – com êxito – num hospital de São Paulo. Na sua idade, o tumor na próstata podia ser muito grave e Chico temeu pela vida. Antes de internar-se, entregou ao dr. Elias Barbosa alguns documentos e papéis particulares:

– Fique com isso, dr. Elias. Ninguém sabe o que pode acontecer.

Chico está agora terminando a psicografia desta noite.

Quando a mensagem chega ao fim, a um sinal seu, dona Isildinha dobra nova folha de papel e sobre ela Chico escreve um recado a dona Dalva, a presidente da mesa: "Filha, nossos amigos espirituais avisam que a sessão pode ser terminada". Chico ainda está com os olhos cobertos, e dona Isildinha vai colocando à sua frente, em ordem decrescente, as folhas escritas. É um momento fascinante. Parece que Chico *relê* cada folha. Ora corrige Uma palavra, ora acentua outra, ora risca uma terceira e a substitui por um sinônimo - como se estivesse vendo!

Quando a última folha chega-lhe às mãos, ainda sem olhar, e no espaço reservado para isso, êle põe o título da mensagem que, de acordo com o Evangelho do dia, refere-se a casamento e divórcio: "Casais menos felizes".

Posto o título, o transe terminou, e a sessão também. Chico abre os olhos, faz massagens no globo ocular, descansa alguns segundos e, com sua voz mansa de bispo antigo, começa a ler o que psicografou.

De repente estanca e se volta para dona Dalva:

– Tem alguém com gravador!

– Não tem, Chico. Já olhamos.

– Tem, sim! "Eles" estão dizendo!

Dona Dalva obedece. Faz uma revisão geral nas pessoas presentes e desconfia de um deputado fluminense muito equipado com máquinas fotográficas. O homem se assusta:

– Mas dona, o meu é gravador de bolso, minúsculo, que não faz o menor barulho – como foi que a senhora descobriu?

Desligado o gravador, Chico recomeça a leitura. Ao fim, anuncia o autor: Emmanuel. Um comentário geral:

– Que beleza! Graças a Deus.

Surpresa: a última

Receita

Para os doutrinadores, a sessão terminou. Para Chico, é apenas uma mudança de fase: agora êle vai atender às centenas de pessoas que estão ali há várias horas,

vindas de vários lugares, para vê-lo, ouvi-lo, toca-lo. Para obter dele uma assinatura, um lápis usado, um botão de sua roupa, uma *reliquia* qualquer. A algumas pessoas proporcionará um sinal ou dirá algo que depois vai correr de boca em boca, como mais uma manifestação de "Vida Maior". Aconteceu com o sr. João Guignone, presidente da Federação Espírita do Paraná. Ao chegar a sua vez de abraçar o médium, ouviu-o dizer:

– Sabe quem está aqui do meu lado, cheia de emoção e querendo abraçá-lo? Sua mãe!

O sr. João fingiu alegria, manteve a aparência e depois comentou com um companheiro:

– Acho que o Chico não está regulando bem. Disse que viu ao seu lado o espírito, de minha mãe, e mamãe está viva em Curitiba!

Bem, foi ele chegar ao hotel e um interurbano do Paraná lhe dava a notícia.

A paciência de Chico para atender às pessoas vai longe. Não para de autografar livros, de interpretar situações, de dar conselhos e recomendar humildade, boas ações, espírito cristão.

– O sofrimento, filha, é uma dádiva de Deus. É com a dor que nós nos elevamos.

A cada um terá uma palavra amiga. Chico é dessas pessoas das quais a gente se aproxima e não quer se afastar mais. Espalha calor humano.

Mas agora vou ler a receita psicografada do pedido que fiz hoje em nome de Pedro Alcântara Rodrigues, alameda Barão de Limeira, 1327, ap. 82, São Paulo. Assim como no caso da alergia, não veio uma receita de remédios, mas uma orientação espiritual. Na letra inconfundível de psicografia, lá está: "Junto dos amigos espirituais que lhe prestam auxílio, buscaremos cooperar espiritualmente em seu favor, Jesus nos abençoe".

O que pensar disso? Nem a pessoa com, aquele nome, nem mesmo esse endereço existem. Eu os inventei. [pg. 68]

